

Jogo de cena

Conto, racconto, reza o antigo adágio.

Uma mulher se senta diante de um interlocutor invisível – apenas entreouvimos a sua voz - e fala sobre a sua vida. A cena seria corriqueira na clínica, mas desta vez trata-se do endereçamento a um cineasta e o dito *setting* é um *set* de filmagem; não por acaso, o cenário é o palco de um teatro.

Minutos depois, uma conhecida atriz interpreta o 'texto' daquela que acabara de falar; o filme avança e os depoimentos e as interpretações se sucedem, e, de repente, já não se sabe mais quem fala quando uma mulher toma a palavra.

Eduardo Coutinho embaralha as cartas com sensibilidade e mestria para revelar - expor, velando novamente - o quão tênue é o limite que separa (?) ficção de realidade, fato de representação. Não por acaso, os testemunhos são de mulheres; elas sabem que a feminilidade é, em certa medida, mascarada. Arte de representar, por excelência.

Em outro filme, *Stage beauty*, dirigido por Richard Eyre (Reino Unido, 2004) quando Kyneston, o consagrado ator elisabetano de personagens exclusivamente femininas - sua Desdêmona era, à época, célebre - toma conhecimento da revogação do édito real que até então interditava às mulheres o direito de representar nos palcos ingleses exclama, entre surpreso e indignado: "*A woman playing a woman! What's the trick in that?*" ("Uma mulher representando uma mulher! Que truque há nisso?", em tradução livre). Atrizes seriam, pois, uma redundância.

Como disse em verso Fernando Pessoa - o poeta das mil e uma faces - a dor fingida não é menos real que a dor representada. Mulheres e atrizes sabem perfeitamente disso. Contudo, nem sempre encontram uma escuta atenta como a do veterano Coutinho, que recorta as falas fazendo de cada 'depoimento' um enigma e uma obra de arte. Assim, demonstra que um documentário não é o registro imparcial de uma realidade supostamente dada, mas intervenção sobre o real; no limite, ficção.

Afinal, a matéria humana é feita do mesmo barro de que os sonhos são tecidos.